

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR – CESP
LICENCIATURA EM LETRAS

TALIA MENDONÇA GIMAQUE

A POESIA FEMININA DE RESISTÊNCIA NO AMAZONAS: A
ESCRITA DE VIOLETA BRANCA

PARINTINS-AM

-2025-

TALIA MENDONÇA GIMAQUE

**A POESIA FEMININA DE RESISTÊNCIA NO AMAZONAS: A
ESCRITA DE VIOLETA BRANCA**

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa para obtenção do Grau de Licenciada em Letras, pela Universidade do Estado do Amazonas, No Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP/UEA. Orientadora: Ma. Dilce Pio nascimento.

Aprovada em __/__/2025

BANCA EXAMINADORA

Professora Mestre Dilce Pio Nascimento (Presidente CESP-UEA)

Professora Especialista Dayane Pontes de Araújo

Banca Interna

Professor Doutor Weberson Fernandes Grizoste (Membro CESP-UEA)

Banca Interna

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

G491p

Gimaque, Talia Mendonça

A poesia feminina de resistência no Amazonas: A escrita de
Violeta Branca / Talia Mendonça Gimaque. Manaus : [s.n], 2025.
24 f.: il.; 21.0 cm.

TCC - Graduação em Letras- Licenciatura- Universidade do Estado
do Amazonas, Manaus, 2025.

Orientador: Dilce Pio Nascimento.

1. Literatura. 2. Patriarcado. 3. Resistência. 4. Identidade. I. Dilce
Pio Nascimento (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas.
III. Título

CDU(1997)81

DEDICATÓRIA

Dedico a minha mãe Julciane Gimaque, que sempre me deu todas as oportunidades para que eu conseguisse alcançar meus objetivos, nunca mediu esforços para que eu realizasse meus sonhos, sempre esteve lá para me aplaudir e apoiar quando ninguém mais estava, foi minha luz, exemplo e o maior motivo para que eu persistisse, pois tenho certeza de que herdei sua força.

Dedico aquela menina que em meio ao caos de sua mente, encontrou na literatura a sua salvação e desde então decidiu que cursar Letras seria seu maior sonho, conseguimos.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, que até aqui foi meu refúgio e me sustentou. Aos meus amigos que fiz na faculdade, Aldicley Negreiros, Fabrine Tavares, Suziane Martins e especialmente meu alicerce Taline Freitas, que sempre me apoiaram e incentivaram, quando eu não acreditei em mim, vocês acreditaram e fizeram-me entender que eu era capaz de tudo. Aos meus familiares, que me apoiaram e quando precisei de algo me ajudaram, em especial minha Tia Juçara Gimaque, que me mostrou que o melhor caminho é o da educação, e que ele te liberta. Ao meu pai Marcelo Santos, por seu apoio incondicional e por sempre me incentivar a buscar meus objetivos.

Agradeço a minha Orientadora Prof. Dilce Pio, por aceitar embarcar comigo nesse trabalho. E aos demais professores que fizeram parte dessa jornada.

A POESIA FEMININA DE RESISTÊNCIA NO AMAZONAS: A ESCRITA DE VIOLETA BRANCA

Talia Mendonça Gimaque ¹

Dilce Pio Nascimento ²

RESUMO: Este artigo propõe um estudo sobre como a poeta Violeta Branca constrói, por meio da literatura, uma narrativa de resistência em torno do Amazonas e da experiência feminina. A pesquisa tem como objetivo central explorar os processos estéticos e temáticos utilizados pela autora para expressar essa resistência, analisando a obra “Ritmos de Inquieta Alegria” (1935) do ponto de vista poético, e evidenciando o papel da literatura na valorização da cultura amazônica e da experiência feminina. O estudo concentra-se na análise de poemas selecionados como “Minha Lenda” e “Poema das Tuas Mãos”, destacando elementos que evidenciam formas de resistência, como a quebra de estereótipos de gênero e a afirmação da identidade feminina. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter analítico-interpretativo, baseada na análise literária e na crítica feminista. O referencial teórico mobiliza autoras e teóricos que discutem a presença feminina na literatura, a crítica às estruturas patriarcais e a escrita de resistência, como: Constância Lima Duarte (2003), Nelly Novaes Coelho (1991), Terry Eagleton (2006), Hélène Cixous (1975), e a Gerda Lerner (2019). O estudo busca compreender como a obra constrói uma poética de resistência articulando vivências femininas.

PALAVRAS-CHAVES: literatura, patriarcado, resistência, identidade.

WOMEN’S POETRY OF RESISTANCE IN THE AMAZON: THE WRITING OF VIOLETA BRANCA

ABSTRACT: This article proposes a study on how the poet Violeta Branca constructs, through literature, a narrative of resistance around the Amazon and the female experience. The research aims to explore the aesthetic and thematic processes used by the author to express this resistance, analyzing the work "Ritmos de Inquieta Alegria" (1935) from a poetic point of view, and highlighting the role of literature in valuing Amazonian culture and the female experience. The study focuses on the analysis of selected poems "Minha lenda" and "Poema das tuas mãos", highlighting elements that demonstrate forms of resistance, such as the breaking of gender stereotypes and the affirmation of female identity. The research adopts a qualitative, analytical-interpretative approach, based on literary analysis and feminist criticism. The theoretical framework draws on authors and theorists who discuss the presence of women in literature, the critique of patriarchal structures, and writing as a form of resistance, such as: Constância Lima Duarte (2003), Nelly Novaes Coelho (1991), Terry Eagleton (2006), Hélène Cixous (1975), and Gerda Lerner (2019). The study seeks to understand how the work constructs a poetics of resistance by articulating female experiences.

KEYWORDS: literature, patriarchy, resistance, identity.

¹ Acadêmica do 8º Período do Curso de Letras no Centro de Estudos Superiores de Parintins. E-mail: taliagimaque20@gmail.com

² Professora Ma. do Curso de Letras no Centro de Estudos Superiores de Parintins. E-mail: dpnascimento@uea.edu.br

INTRODUÇÃO

A literatura produzida no Amazonas é muita das vezes marginalizada, esquecida ou dita como inferior nos circuitos literários e nacionais. Por isso, tornar-se fundamental destacar autoras que trazem novas perspectivas sobre a região e sobre a vivência feminina. Entre elas destaca-se Violeta Branca, ela constrói uma poética que desafia estereótipos e ressignifica o Amazonas não apenas como cenário, mas como território de resistência e memória.

Violeta Branca, reconhecida como a primeira mulher a ingressar na Academia de Letras de 1937, desafiou as normas sociais de sua época ao abordar temas como sensualidade e liberdade em sua poesia, temas esses que encontramos na obra “Ritmos de Inquieta Alegria” (1935).

A investigação das escritas de Violeta Branca contribui para a valorização das vozes femininas, não apenas enriquece o entendimento da literatura amazônica, mas também evidencia a importância da poesia como ferramenta de resistência e afirmação do feminino em contextos marcados por múltiplas camadas de opressão. Partindo disso, busca-se explorar os processos estéticos e temáticos utilizados por Violeta Branca, para expressar resistência, evidenciando o papel da literatura na valorização da cultura amazônica e da experiência feminina. Também analisar a obra “*Ritmos de Inquieta Alegria*” (1935), do ponto de vista poético, como sua escrita diálogo com questões patriarcais e o lugar da mulher na literatura. Trazer investigações sobre as representações do feminino na literatura, compreendendo como suas narrativas desafiam estereótipos e promovem novas formas de protagonismo feminino. Explorar também como o uso da linguagem poética contribui para o empoderamento e a afirmação identitária de autoras femininas.

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter analítico-interpretativo, com base na análise literária e crítica feminina. O estudo visa compreender como a obra “Ritmos de Inquieta Alegria” constrói uma poética de resistência articulando vivências femininas. Para tanto, os procedimentos seguiram os seguintes passos: levantamento bibliográfico e documental, foram reunidas obras da autora estudada, além de textos crítico, artigos acadêmicos e dissertações que tratam da produção literária feminina amazônica e da presença da mulher na literatura brasileira. Também foram consultadas obras teóricas sobre identidade, território e resistência cultural, teóricos como Duarte (2003), Coelho (1991), Eagleton (2006), Cixous (1975), Lerner (2019) e Paula (2014).

A obra “Ritmos de Inquieta Alegria” (1935), de Violeta Branca, foi escolhida por sua relevância histórica e seu caráter pioneiro. Para a análise selecionaram-se dois poemas: “minha

lenda” e “Poema das tuas mãos”, examinando a partir de seus elementos estruturais e temáticos, como símbolos, linguagem e vozes poéticas. O objetivo é evidenciar como a subjetividade feminina e a paisagem amazônica são representadas na obra. A análise concentra-se especialmente nos aspectos que revelam formas de resistência: a quebra de estereótipos, de gênero, a valorização da natureza como espaço simbólico e a afirmação da identidade da feminina.

A partir dessa perspectiva, o artigo se organiza em três tópicos principais. No primeiro, “A mulher na literatura brasileira”, discute-se o lugar historicamente ocupado pelas escritoras, evidenciando os obstáculos impostos pelo patriarcado e a forma como, apesar disso, muitas autoras conquistaram espaços de criação e legitimidade. Em seguida, no segundo tópico “Ritmos de rebeldia: marcas do patriarcado em Violeta branca”, examinam-se as tensões presentes na obra da poeta, destacando como sua escrita revela e confronta as estruturas patriarcais que moldaram tanto a sociedade quanto a produção artística de seu tempo. Por fim, no terceiro tópico “Violeta Branca e a quebra de estereótipos de gênero”, analisa-se de que modo sua poesia ressignifica a imagem da mulher, propondo novas representações femininas e desestabilizando discursos cristalizados. Sobre o feminino e sobre o Amazonas. Essa organização busca oferecer uma leitura ampla e crítica da contribuição de Violeta Branca, ressaltando sua relevância no contexto da poesia feminina de resistência no Amazonas.

1. A MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA

A presença da mulher na literatura brasileira e amazonense é marcada por um percurso de resistência, construção de identidade e disputas por espaços de fala ao longo dos séculos. A literatura criada no Brasil, desde o período colonial, foi predominantemente produzida por homens, tanto na autoria quanto na representação dos personagens, o que solidificou estereótipos e limitou a diversidade de vozes femininas. No entanto, as escritoras brasileiras e, em especial, as amazonenses, têm desempenhado papel fundamental na ampliação dos horizontes culturais, na crítica às armadilhas patriarcais e na criação de novas perspectivas estéticas e sociais. A história dessa presença feminina revela não só o desenvolvimento literário nacional, mas também processos de emancipação e afirmação das mulheres dentro de uma sociedade que historicamente lhes negou protagonismo.

Durante os primeiros séculos em que a literatura começou a ser produzida, a participação de mulheres foi praticamente inexistente, tanto por restrições legais e sociais quanto pela falta de acesso à educação. A mulher era representada, mas não era autora,

difícilmente tinha vozes quando dadas como personagens, eram o objeto de discurso, mas nunca o sujeito, essas personagens surgiam como figuras idealizadas, submissas ou moralmente reguladas. Segundo Duarte (2003):

Quando começa o século XIX, as mulheres brasileiras, em sua grande maioria, viviam enclausuradas em antigos preconceitos e imersas numa rígida indigência cultural. Urgia levantar a primeira bandeira, que não podia ser outra senão o direito básico de aprender a ler e escrever (então reservado ao sexo masculino (p. 3,4, 2003).

A escrita era sempre desmotivada, mesmo assim ainda havia alguns registros que mostraram que mulheres escreveram cartas, poemas, relatos íntimos, mesmo que não tivessem entrada nos círculos literários. A presença da mulher na literatura brasileira nasce com um ato de revolução, não era apenas criar obras, mas sim também desafiar normas sociais que confinavam as mulheres. A literatura feminina surge como uma das primeiras formas de feminismo no país, mesmo antes de se popularizar. Conforme Duarte:

A primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas data de 1827, e até então as opções eram uns poucos conventos, que guardavam as meninas para o casamento, raras escolas particulares nas casas das professoras, ou o ensino individualizado todas se ocupando apenas com as prendas domésticas. E foram aquelas primeiras (e poucas) mulheres que tiveram uma educação diferenciada, que tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento as demais companheiras e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que dizia que mulher não necessitava saber ler e escrever (p.5, 2003).

Com o aparecimento do romantismo, no século XIX, ocorre a primeira grande transformação da presença feminina na literatura brasileira. É nesse contexto que surge Nísia Floresta Brasileira Augusta, considerada a primeira feminista do Brasil e uma das pioneiras na escrita de obras que discutem a educação e os direitos da mulher. “Seu primeiro livro intitulado *Direitos e injustiças dos homens*, de 1832, é também o primeiro no Brasil a tratar do direito das mulheres a instrução e ao trabalho, e a exigir que elas fossem consideradas inteligentes e merecedoras de respeito” (Duarte, p.3, 2003), Duarte pontua Nísia Floresta não só como uma precursora do feminismo, mas também da literatura feminina brasileira. Quando escreveu obras que defendiam escancaradamente a instrução e o trabalho para mulheres, Nísia usou a literatura como um instrumento de conscientização e denúncia, sua criação inaugurou uma trajetória de escrita engajada que vai marcar posteriormente autoras brasileiras.

Duarte também vai mostrar como a recepção acerca da escrita feminina vai causar assombro nos meios de comunicação e literário, uma das autoras que vai enfrentar isso é a Rachel de Queiroz, essa recepção revela aversão e preconceito que cercavam as mulheres que

escrevia a literatura de forma séria. Mesmo no século XX, ainda se questionava a capacidade intelectual feminina.

Outra autora que reforça a força e a peculiaridades da criação literária produzida pela mulher brasileira, é Nelly Novaes Coelho em seu artigo “*A literatura Feminina no Brasil contemporâneo*” (1991). Coelho começa contextualizando sobre o avanço da literatura feminina ao lado da literatura Infantil/Juvenil e da literatura negra, como uma parte da cultura que historicamente foi ignorada e desvalorizada. A crítica literária, ao se voltar para essa produção, não busca estabelecer um julgamento de valor superior ou inferior ao da literatura masculina, pois é um ponto pacífico, que valor literário não tem sexo, o valor depende apenas da aptidão. Coelho traz definição e dados importantes que ajudam a entender o processo de invisibilização e as dificuldades de vozes femininas no campo literário brasileiro.

Coelho fala que ao contrário do que se presumia a literatura feminina não simboliza uma mera moda contemporânea, mas sim uma resposta às transformações sociais profundas:

Está claro que, muito mais do que simples moda, esse triplo interesse arraiga em um fenômeno cultural muito amplo: a inegável emergência do “diferente”: o espaço conquistado pelas vozes “divergentes no Seio da sociedade e a descoberta da alteridade ou do outro (via de regra oprimido, pelo tradicionalismo instituído que impedia (ou impede?) ao eu sua verdadeira auto-descoberta (Coelho, p.91, 1991).

Nesse sentido, a literatura feita por mulheres surge como um espaço político e cultural que abriga vozes que historicamente foram excluídas. Na Amazônia, por exemplo, “diferente” inclui apenas o feminino, mas também o regional, o indígena, o ribeirinho e o afro-amazônico, todos atravessados por relações de gênero, raça e território. A autora também traz uma crítica ao falso debate sobre diferença de valor entre literatura masculina e feminina:

A evidência de que o valor literário de uma obra não depende do sexo do autor ou autora, mas do talento de cada um; e finalmente a importância basililar que essa literatura adquire para o possível conhecimento ou conscientização das transformações estruturais que atingem hoje a sociedade e a cultura herdadas (Coelho, p. 91, 1991).

Há a busca por derrubar o argumento que tradicionalmente utiliza da deslegitimação das escritoras, inclusive as amazonenses, que frequentemente são classificadas como menores, exóticas ou sentimentais demais. Esse desmantelamento é muito importante para os estudos da literatura regional, pois ajuda a desfazer a ideia preconceituosa de que a produção literária do Norte do Brasil é inferior ou apenas regionalista. Em vez disso, mostra que a desvalorização das autoras é uma estratégia histórica de exclusão de gênero.

A manifestação da escrita feminina no Brasil é resultado profundo no imaginário cultural. Coelho afirma:

Em busca de uma nova identidade, é como se as mulheres tivessem a audácia de não quererem mais se sujeitar a antiga imagem e por não conseguirem encontrar a nova, assumem ao mesmo tempo uma paradoxal multiplicidade de identidades conflitantes. (p. 97, 1991).

Podemos perceber que essa multiplicidade se dá também na literatura amazonense, em autoras que escrevem sobre mistérios da floresta, espiritualidade, erotismo, trajetórias de resistência e relações entre corpo e território. A mulher amazônica literária não é mais apenas mãe, esposa ou musa; ela é sujeito de suas próprias narrativas. A literatura feminina rompeu os limites temáticos impostos pela tradição, “A mulher chegou a uma literatura épica/existencial (gerada pela ação ética/passional), que expressa claramente o rompimento da polaridade maniqueísta, inerente a imagem-padrão da mulher anjo/demônio, esposa/cortesã, “Ânfora do prazer”/”porta do inferno”, etc.” (Coelho, p.96, 1991). As autoras deixaram de reproduzir imagens estereotipadas, como a mulher santa ou pecadora e passaram a apresentar personagens complexas, ambíguas e contraditórias. Esse rompimento é importante para a literatura amazônica, que historicamente construiu a figura da “mulher da floresta” como sensual, submissa e mística. Autoras contemporâneas têm revolucionado esses estereótipos ao escrever mulheres intelectuais, guerreiras, protagonistas de suas dores e desejos.

A literatura amazonense também tem sido marcada por representações masculinas que privilegiaram o ambiente natural, o exotismo e a figura do homem como protagonistas das narrativas regionais. Entretanto, com o avanço dos estudos culturais e a retomada de autoras silenciadas, percebe-se um movimento de reposicionamento da mulher como indivíduo ativo dentro da produção literária amazonense.

2. RITMOS DE REBELDIA, MARCAS DE PATRIARCADO EM VIOLETA BRANCA

A literatura tem historicamente servido como forma de resistência frente a sistemas opressores, seja no campo político, social ou cultural. Conforme Eagleton (2006), a literatura não apenas reflete as estruturas sociais, mas também atua como um campo simbólico de disputa de poder e significação. Nesse sentido, muitas obras da literatura podem surgir como manifestações de luta contra normas dominantes.

A escrita feminina de resistência se forma na tensão entre o íntimo e o político, o cotidiano e o histórico. Autoras como Hélène Cixous (1975) propõe a “escrita do corpo” de uma maneira que pode ser uma ruptura com a linguagem patriarcal. Para ela, escrever como mulher é um ato subversivo, que transforma a própria estrutura do discurso. Dentro desse universo, a presença de mulheres escritoras ainda enfrenta barreiras, a poeta Violeta Branca insere-se nesse contexto como uma voz discordante e afirmativa, utilizando a poesia como instrumento de resistência à opressão de gênero e de reafirmação das experiências femininas amazônicas.

Violeta Branca mesmo sendo pouco reconhecida atualmente, foi essencial para romper o silêncio feminino na literatura amazonense, inserindo uma voz poética feminina autêntica que, embora não explicitamente feminista, desafiava normas sociais e temáticas restritas a mulher de sua época.

Segundo Cordeiro, Costa e Wankler (2022) “Durante séculos, a mulher não pôde se expressar através da escrita, porque era vista como incapaz de produzir qualquer tipo de conhecimento quando comparado ao homem” (p. 322, 2022), elas eram vistas como incapazes de serem escritoras, artistas, estudar, o único papel dado as mulheres era casar-se, ter filhos e ser dona de casa. Eram sempre musas, inspirações para as escritas de homens, mas não podiam ser criadoras. Ainda seguindo essa linha, Cordeiro et al., (2022) afirmam:

A mulher que desejasse exercer a arte precisaria lidar com frases de desencorajamento, de incapacidade e de repreensão. Eram afirmações irônicas e preconceituosas que permeavam o mundo das mulheres que sonhavam escrever. E, apesar de haver passado muito tempo, é contra tais opiniões e posturas hegemônicas que as mulheres ainda lutam diariamente para conquistar seu espaço mesmo na contemporaneidade (p. 323, 2022).

Apesar de Violeta Branca não escrever poesia militante, sua obra aborda temas ousados como sensualidade, desejo, imaginação e lirismo amoroso, rompendo com o pudor social da época, sua obra tem valor não pela quantidade, mas pela qualidade poética e pelo impacto pioneiro. Partindo desse ponto Cordeiro et al. (2022):

O seu imaginário poético traz o cenário amazônico, o telurismo, o silêncio, à noite, as riquezas naturais, culturais, mitológicas, como subsídios para que seus sonhos e devaneios sejam representados em sua construção poética e literária. A poética lírica amorosa em Violeta Branca é outro aspecto deste estudo, ela nos apresenta o seu maior encantamento, o mar, e o amor personificado... (p.336, 2022).

O texto demonstra como a trajetória de Violeta Branca deve ser reconhecida não só pelo pioneirismo, mas também pela força estética e simbólica de sua poesia. A ausência de um

posicionamento feminista explícito não diminui o caráter transgressor da sua obra, que desafiou os limites do aceitável para uma mulher de sua época.

Gerda Lerner (2019) demonstra que o patriarcado não é uma estrutura natural ou biológica, mas sim um sistema social e ideológico construído historicamente para consolidar o domínio masculino por meio da apropriação das capacidades reprodutivas e sexuais das mulheres, a autora aborda que “O patriarcado mantém e sustenta a dominação masculina baseando se em instituições como a família, as religiões, a escola e as leis, são ideologias que nos ensinam que as mulheres são naturalmente inferiores” (p.17, 2019). Como se alguma divindade tivesse destinado esse papel a mulher, cuja única função é servir ao marido e ser submissa, além dessa perpetuação cultural e religiosa, elas também eram vistas como inferiores por conta do físico e força.

Os homens eram considerados superiores também biologicamente, segundo Lerner “[...] o ponto de vista biológico entende-se da Idade da pedra até o presente pela afirmação de que a divisão sexual do trabalho com base na ‘superioridade’ natural do homem é um fato, e, portanto, continua tão válida hoje quanto era nos primórdios da sociedade humana” (p.41, 2019), por conta dessa capacidade, conseqüentemente se tornam “superiores” e assim provedor.

Além de serem ditas como inferiores, designadas a única função dadas pelos homens, também lhe eram negadas a educação, já que o conhecimento dá poder, por esse motivo eram proibidas de estudar, os grupos que dominavam tinham medo de perder o controle. Por longos anos eles alegavam que o cérebro da mulher não era capaz, eram muito sentimentais para o estudo, que poderia fazer mal à saúde da mulher e que a única coisa que a mulher teria que aprender é servir ao homem, de acordo com Lerner:

Era por causa da constituição para a educação biológica e da função materna que mulheres eram consideradas inadequadas para a educação superior e muitas atividades vocacionais. Menstruação, menopausa e até gravidez eram vistos como debilitantes, doenças ou condições anormais, que incapacitavam as mulheres e as tornavam de fatos inferiores (p.42, 2019).

A educação dá autonomia, quem tem acesso à educação, pensa criticamente e pode questionar a justiça, por isso banalizar o acesso ao conhecimento era uma forma de manter as mulheres presas e submissas, dependentes de homens e sem poder de decisão na sociedade.

O gênero é um processo histórico, ele é um dos responsáveis por estabelecer o lugar da mulher na sociedade, na Grécia antiga, por exemplo, as mulheres tinham pouco movimento, eram excluídas politicamente, sobretudo em Atenas, diferente de Esparta, onde elas proviam

de liberdade. Porém no antigo Egito, a figura feminina tinha mais importância social, podendo tomar decisões sobre a casa e a família. Conforme Lerner “O fato de mulheres terem filhos ocorre em razão do sexo; o fato de mulheres cuidarem dos filhos ocorre em razão do gênero, uma construção social. É o gênero que vem sendo o principal responsável por determinar o lugar das mulheres na sociedade” (p.45, 2019). Culturalmente era comum que a mulher fosse vista principalmente como esposa, mãe, feita para procriação, sendo controlada por seus maridos e regras rigorosas estabelecidas, incluindo o casamento arranjado e a proibição do adultério, em alguns casos, se houvessem uma descoberta de adultério, as mulheres eram castigadas. A vida das mulheres refletia a visão de gênero que privilegiava o homem como superior e detentor da autoridade.

Lerner pontua também que a ausência de mulheres nos registros históricos não significa que elas não participaram da história, mas sim que foram excluídas do processo de “fazer história”, ou seja, de contribuição do passado. As mulheres foram desprezadas nos espaços privados e jogadas ao silêncio simbólico.

A escrita poética de Violeta Branca representa uma ruptura com o silenciamento. Sua poesia opera contra o discurso patriarcal ao reescrever o corpo da mulher amazônica, território simbólico nos seus poemas.

Segundo Berthe (2019), o empoderamento é um processo de conscientização crítica que resulta na transformação do sujeito e de tudo ao seu redor. Para Berth (2019), esse processo inclui quatro dimensões: cognitiva, psicológica, política e econômica, a autora também ressalta que empoderar é romper com as estruturas opressoras e propor novas práticas sociais e simbólicas. Nesse sentido, a poesia de Violeta Branca se torna um meio de transformar a realidade, reivindicando a ancestralidade e exaltando o querer feminino, a sensualidade, o prazer.

3. VIOLETA BRANCA E A QUEBRA DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNEROS

Como já pontuado nesse artigo, a história da literatura amazonense, assim como a literatura brasileira foi moldada, durante séculos, sob o domínio quase absoluto de vozes masculinas. Em um espaço em que a figura do homem ocupava academias, jornais, revistas e espaços de prestígio intelectual, a entrada da mulher, especialmente no século XX, representou não apenas uma novidade, mas uma ruptura com dinâmicas profundamente estruturadas de poder. É nesse cenário que se insere Violeta Branca Menescal de Vasconcellos (1915-2000),

natural de Manaus, poetisa, escritora e a primeira mulher a integrar a Academia de Letras, em 1937. Conforme Paula (2014):

Para quem não conhece, Violeta Branca foi uma das grandes representantes da poesia produzida no Amazonas e a primeira mulher a ingressar numa Academia de Letras no Brasil, 1937. Raquel de Queiroz, em 1977, foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, 40 anos depois da posse de Violeta Branca na Academia Amazonense de Letras. Ela participou ativamente da vida cultural em Manaus e publicou outros poemas na Revista A Selva, do intelectual Clóvis Barbosa (p. 86, 2014).

A obra dessa autora, oferecem um rico exemplo de como a literatura se torna ferramenta de quebra de estereótipos de gênero, abrindo caminhos para uma presença feminina mais afirmada na produção intelectual do Amazonas e do Brasil.

Violeta Branca, ao publicar seu primeiro livro, *Ritmos de Inquieta Alegria* (1935), tinha apenas 19 anos. Em uma época em que a figura da mulher escritora era vista com estranhamento ou desconfiança, sua entrada “prematura” no universo das letras representou um gesto de ousadia. Essa ousadia não se manifestou apenas no ato de publicar, mas na forma como sua poesia se situava dentro da modernidade literária. Enquanto se esperava das mulheres uma escrita suave, sentimental, restrita ao ambiente doméstico e à afetividade amorosa, Violeta Branca foi além, seus versos traziam inquietação, subjetividade, ruptura formal e uma busca pela expressão de liberdade que ultrapassava fronteiras literárias, De acordo com Paula (2014):

Talvez se Violeta Branca não tivesse vivido em um contexto social repressor em relação a mulher, a qualidade e a quantidade de sua produção literária tivesse se aperfeiçoado à medida que fosse escrevendo, por isso me valho aqui de comentar sobre essa questão de que o momento em que ela viveu não era propício para que a mulher exercitasse seu lado poeta e muito menos seu lado profissional (p.83, 2014).

Nota-se como fatores externos e as limitações impostas pelo patriarcado exercia influência sobre a produção literária feminina, sua escrita naquela época poderia ter alcançado maior amadurecimento caso ela tivesse vivido em condições mais favoráveis, a reflexão traz a importância dos fatores históricos e sociais na formação de autoras.

Sua obra não se prende às convenções que dominavam a poesia regional naquele período. Violeta Branca transita pela sensibilidade modernista, adotando versos com maior liberdade, musicalidade própria, sem seguir normas e métricas pré-estabelecidas, Segundo Paula 2014:

O modernismo na obra de Violeta Branca se dá pela sua ousadia de compor seus com tanta liberdade de expressão sensual, o que não era normal para uma moça de sua época, daí vem a questão de se esclarecer bem o seu contexto social repressor para

que se entenda o quanto ela a princípio se distanciou da mocinha sonhadora” (p.88, 2014).

Essa escolha estética, por si só, foi uma forma de quebrar expectativas, pois o modernista, portanto, tornava-se uma dupla provocação: pelo gênero e pela estética, De Paula ainda argumenta que:

Esse modernismo dos versos livres e da liberdade de se exprimir tão abertamente, é que faz de Violeta Branca uma poeta a frente de seu tempo, no que concerne ao seu local de origem, a sua cidade natal; Manaus, capital do estado do Amazonas, tão isolado geograficamente do resto do Brasil, ainda atualmente tanto quanto aquela época (p.88, 2014).

A poesia de Violeta Branca transparece uma mulher que não se confina a uma imagem dócil, seus poemas expressam movimentos internos contraditórios, inquietações pessoais, angústias que não cabe na moldura social da “mulher ideal”. A poesia é uma das manifestações mais potentes, justamente porque trabalha com a essência da linguagem, com aquilo que escapa ao discurso como, o ritmo a emoção, a invenção e a profundidade, “A poesia é uma das formas de expressão que denotam mais sensibilidade pelos autores, pois além de demonstrar um estado de espírito, é resultado da interação do meio com o autor” (Paula, p.01, 2014). Ela é importante, antes de tudo, porque permite dizer o indescritível, é uma forma de expressar, de forma lírica e com a alma, a dor, o amor, o luto, a esperança, a memória ou a solidão que não cabem na linguagem cotidiana, é com ela que o poema cresce, se unindo em um só, segundo Paz Octavio “O poema não é uma forma literária, mas o lugar de encontro entre poesia e o homem. O poema é um organismo verbal que contém, suscita ou emite poesia. Forma e substância são a mesma coisa” (p.17, 1956). Ela não apenas comunica, mas também revela, ela ilumina o que está oculto na vida cotidiana, permitindo que o leitor acesse novas dimensões de existência. Sendo assim, a poesia de Violeta Branca é uma forma percussora de afirmação da voz feminina autônoma na literatura Amazonense do século XX. Algo muito presente nos seus poemas, é o anseio constante por liberdade, que se manifesta não apenas nos temas, mas também na própria forma, Violeta se liberta das métricas rígidas e padrões parnasianos que era muito presente no Amazonas dos anos 1930, preferindo versos livres e flexíveis. Em seus versos a repetição de imagens como o vento, água, mares, horizontes e expansão, elementos que simbolizam tanto inquietação quanto desejo de autonomia.

A obra *Ritmos de Inquieta Alegria* (1935), contém 60 poemas, sendo poemas curtos e médios, sem divisões em partes ou capítulos,” foi relançado – depois de resgatado pelo professor, crítico e pesquisador Marcos Frederico Krüger – pela Editora Valer, na Coleção Resgate I, em 1988.” (Medeiros, p.47, 2019).

Cada poema funciona com uma unidade sensível própria, a irregularidade dos versos, a liberdade rítmica e as pausas estratégicas substituem o tradicional rigor métrico. O ritmo nasce da própria respiração do poema, das alternâncias entre versos curtos e longos e da musicalidade interna que Violeta cria por meio de repetições sonoras e imagens. Partindo disso, iremos analisar o primeiro poema da obra, intitulado “Minha lenda”.

Violeta Branca em seus poemas revisita mitos amazônicos, tem características como imagens delicadas, ritmos fluidos e linguagem simbólica. Minha lenda, poema no qual os versos vêm em forma de um enredo mítico, a transformação que uma figura feminina em Iara e novamente em mulher, como metáfora para refletir sobre como a sociedade patriarcal controla, idealiza e pune a mulher. O poema começa da seguinte forma:

Á sombra de um igapó escuro e parado,
Branca como as areias e as espumas,
E mais triste que um gesto de adeus,
Com a forma de uma vitória-régia imensa,
Desmaiada de indiferença,
Eu florescia... (Branca, p.27, 1998).

O poema abre com uma locação, que vai situar o leitor em um universo amazônico. O igapó, uma floresta inundada, vem como “escuro e parado”, essa escuridão criar um ambiente de mistério e suspensão temporal, esse igapó pode ser também um símbolo de aprisionamento, pois irá ser silencioso, com ausência de movimento.

Branca como as areias e as espumas, a figura “branca” diverge com o “escuro” do verso anterior, trazendo uma presença luminosamente estranha, a comparação “com as areias e as espumas” faz uma ligação tanto fluvial quanto a superfície agitada da água, sugerindo pureza, ligação com o elemento aquático, essa dualidade é essencial para entender a construção patriarcal da mulher que deve ser pura, mas continuar vivendo na sombra, deve ser bela mas tem que permanecer escondida, deve florescer mas não ocupar espaço.

A vitória-régia é um símbolo feminino amazônico, aparece associada a tristeza e indiferença. A mulher floresce, mas sua flor é marcada pela tristeza essencial, nesse verso vai ecoar uma tradição bíblica: a mulher como símbolo de dor, sacrifício e sofrimento “parirás com dor”, o florescimento triste representa a feminilidade construída apenas para suportar, e não celebrar.

Tupã, uma noite,
Olhou-me com os olhos de luar
E se enamorou de mim.
E, numa fala que lembrava a suavidade
Do riso das águas,
Correndo sobre pedras, disse:

És triste e bela. E por isso
Terás a glória suprema,
Que é maior que o triunfal poema
Que canta o uirapuru em voz tão clara.
Toma a pedra muiraquitã, (Branca, p.27, 1998).

Nessa estrofe podemos observar que não há consentimento, o Deus olha, e esse olhar basta para transformar o destino da mulher, ele escolhe, ele ama, ele toma, essa dinâmica reflete o patriarcado: a mulher é objeto da visão masculina, não é sujeito de seu próprio desejo. Essa também é uma estrutura bíblica, as mulheres são frequentemente narradas como “vistas” pelos homens e a partir desse olhar, são tomadas como esposas, concubinas ou objeto de salvação. Mesmo com um tom suave, a fala divina continua sendo um comando, o patriarcado também se impõe por meio do “afeto” do elogio, da promessa, a forma como é falada ameniza, mas o conteúdo igualmente controlador.

Vai haver um resumo séculos de opressão, a mulher deve ser bela, já que isso é um padrão imposto, a mulher deve ser triste, espera-se que as mulheres sejam extremamente sentimentais como se isso representasse feminilidade, a mulher recebe a glória, não porque a conquistou, mas porque um homem a concedeu, não há uma glória autônoma, apenas uma glória conferida. vai haver a comparação da mulher ao canto do uirapuru, que é um símbolo amazônico de beleza e perfeição, reforçando sua transformação em objeto poético, ela não a criadora, mas sim a criatura. O muiraquitã citado no poema, é símbolo de amor, mas também posse, é amuleto trocado entre amantes para marcar pertencimento, aqui, a mulher recebe o símbolo, não de proteção, mas de vínculo imposto, é como se o deus dissesse “agora és minha”.

“Desce ao fundo dos rios: vais ser Iara” (Branca, p.28, 1998), esses dois versos trazem a lógica patriarcal que consiste no poema, a fala é mais masculina, Tupã que é figura central do mito amazônico, a ordem é absoluta, não é convite, não tem negociação, ele apenas decreta, a mulher não escolhe, ela é moldada. Nota-se também presente uma referência bíblica, assim como Deus disse “faça-se”, Tupã definiu o destino da mulher por meio da palavra criadora, ela foi criada por ele. Essa construção também reflete a origem da mulher segundo Gênesis: criada a partir do homem, para auxiliá-lo, sem autonomia inicial. Já no poema, a mulher é criada para encantar, seduzir, atrair, não por escolha, mas por determinação divina.

Numa hora de encantamento e beleza,
com os cabelos enfeitado de aguapês
e no corpo o fascínio dos mistérios,
Prendi a alma ingênua de um marujo incauto.
E o deus lendário da Amazônia,
Sentindo o amor palpitar no meu canto,
Voltou a me falar.

Nesse dia os seus olhos
Tinham lampejos de sol
E a voz o ressoar da pororoca (Branca, p.28, 1998).

Os versos vão acentuar a feminilidade como algo espetacular; encantamento, beleza, cabelos enfeitados, fascínio, mistérios, esse é um lugar tradicionalmente atribuído a mulher em sociedades patriarcais, a do ser estético, a do corpo que se oferece ao olhar masculino. A presença dos exóticos “aguapés”, “mistérios”, vai reforçar a objetificação, a mulher será enfeitada pela natureza, mas essa “enfeitação” serve como ferramenta para seduzir. Violeta Branca usa essa linguagem justamente para demonstrar como o corpo feminino é lido pela cultura, antes de qualquer ação, ele já carrega sentidos atribuídos pelo olhar masculino. Essa estrofe vai alcançar o ponto chave, a mulher assume a culpa pela desgraça do homem, mesmo tendo sido transformada em Iara por uma vontade divina, o texto sugere que ela prendeu a alma do marujo. Esse mecanismo é exemplar da lógica patriarcal, o homem é ingênuo, inocente (marujo incauto), a mulher é sedutora, perigosa, responsável. É o mesmo princípio de culpa feminina presente na história de Adão e Eva, Eva oferece o fruto, Adão come mesmo sabendo que era proibido, mas quem recebe o peso culpa histórica é a mulher. Violeta Branca retoma esse arquétipo para denunciar a estrutura de responsabilização da mulher pelo desejo do homem. No mito amazônico original, Iara seduz e mata os homens, mas na releitura do poema, percebemos que a sedução não é uma escolha, é um destino imposto. A culpa da sedução é uma acusação injusta, fruto do olhar patriarcal. Também vemos que a presença masculina volta para reafirmar seu o seu controle. O “canto”, que é expressão de afeto e subjetividade feminina, incomoda, é como se fosse proibido a mulher se apaixonar Dora dos limites estabelecidos pelo Deus, e novamente vemos a lógica bíblica, de que o deus que vigia, que exige obediência, que pune desvios, é o mesmo Deus que pune Eva, punindo toda a linhagem feminina, o amor aqui não é uma virtude, e sim uma violação.

Tupã vai aparecer associado a dois símbolos, o sol que representa poder, forçar, autoridade masculina. A pororoca que é uma violência natural, um estrondo, forçar maior. O sol em algumas culturas representa a masculinidade, ele ilumina e queima, já a pororoca remete a destruição, uma força incontrolável, juntos eles representam a retórica patriarcal, o masculino que impõe por meio da força.

Não mereces mais a glória de ser Iara,
não ficarás aqui nem mais um dia sequer.
Vais receber teu castigo...
e transformou-me em mulher. (Branca, p.28, 1998).

Nesses versos citados concentra-se três pontos, o de desqualificação “não mereces”, o de expulsão “não ficarás aqui”, e a punição moral “teu castigo”, podemos ver que, a mulher ultrapassa o limite imposto pela autoridade divina, e por isso, deve ser castigada. Assim retomamos novamente o mecanismo do Genesis: a mulher é criada, a mulher falha, então ela é punida. A falha da Iara é amar, um sentimento puro e genuíno que deveria libertar, vai aprisioná-la e ser a causa de sua expulsão. Ela é punida tanto por desejar quanto por ser desejada. “...E transformou-me em mulher”, esse é o trecho mais impactante da estrofe, ser mulher vira um castigo, não é um prêmio, nem mais destino sagrado, é punição. Quando ainda era Iara, era “livre”, mítica e poderosa, para ser mulher foi diminuída, controlada e entregue ao sofrimento humano. A condição feminina é historicamente construída como uma posição de desvantagem, dor e submissão. A poeta revela a violência simbólica enraizada na própria ideia de “ser mulher” em uma sociedade patriarcal. A obra de Violeta Branca nos permite perceber que sua poesia opera em vários níveis simbólicos, tecendo um universo que o mito, memória cultural e subjetividade feminina se entrelaçam. Nesse poema, a transformação da personagem em Iara e depois novamente em mulher, funciona como metáfora para o controle, a idealização e a punição que historicamente recaem sobre o corpo feminino. Ao colocar Tupã como agente dessa transformação, a autora evidencia a continuidade entre o discurso mítico e o discurso religioso que, em diferentes culturas, demoniza, submete ou responsabiliza a mulher pelo desejo masculino e pelas “quedas” morais atribuídas a ela.

Um dos aspectos que também se encontra nos poemas de Violeta Branca, é o erotismo, embora não seja explícito. Trata-se de um erotismo sensorial, a poeta constrói um erotismo que não se limita à sexualidade, mas que ultrapassa isso, assumindo uma função simbólica, segundo Medeiros (2019):

O erotismo é uma experiência humana que exige um conhecimento, em primeira instância, do interdito, assim como da transgressão, isto é, requer uma consciência a respeito de onde não se pode ir e as margens dessas limitações. Nesse processo, o ser, consciente e voluntariamente, é colocado em posição inquisitória. O eu lírico de Ritmos de inquieta alegria, apresenta essa característica, sendo possível ainda afirmar que as inquietações do livro surgem exatamente dessa consciência de transgressão/interdição. (Medeiros, 2019, p.11).

Assim o erotismo só se realiza quando o sujeito reconhece o interdito, isto é, aquilo que socialmente, moralmente ou religiosamente lhe é proibido, não existe na completa liberdade. Esse aspecto é fundamental na obra de Violeta Branca, o eu lírico é, o tempo todo, um sujeito que se interroga, se inquieta e ao mesmo tempo se transforma. Medeiros (2019) ainda reforça que:

Desta forma, há que se perceber o erotismo como caminho para uma sensação de plena continuidade encontrada no outro. No processo de busca por essa continuidade, o protagonista do ato erótico encontra uma continuidade – finita, é verdade, por se tratar de outro ser descontínuo –, mas que o permite ir além da sua própria. De modo que uma ligada à outra se tornam, ambas, maiores em sua “descontinuidade continuada”. Assim, para suprir a sua natureza descontínua, entendemos a atividade erótica como válvula libertadora necessária ao ser humano. (Medeiros, 2019, p.12).

Enquanto seres humanos, vivemos na condição de “descontinuidade”, somos indivíduos separados, limitados, encerrados em nossos corpos, nossas consciências e nossas fronteiras subjetivas. O erotismo aparece, como um esforço para ultrapassar essa condição que normalmente nos é negada pela própria estrutura da existência. Nota-se que em alguns poemas de Violeta Branca, a figura feminina é quem escolhe, deseja e se movimenta no espaço simbólico, não mais apenas alvo da paixão masculina ou divina, mas sujeito ativo do seu desejo. Um exemplo disso é o poema “Poema das Tuas Mãos”, o título dá uma ênfase “das tuas mãos”, o que desloca o foco da experiência íntima para a ação e a potência manual do outro, mãos essas que criam, que fazem música, que transformam.

As tuas mãos nervosas, quentes, largas,
Arpejam nos meus sentidos
A música ideal da emoção.
Para os teus dedos criadores,
Sou o piano mágico vibrando
Ao influxo de tua ardente inquietação.
Tuas mãos frementes, arrancam angústias sonorizadas
De meus nervos,
Que se retesam como cordas harmoniosas. (Branca, 1998, p.86).

Nesse poema, Violeta Branca traz uma poética de tato que coloca em cena a potência dos gestos, das mãos, preparando o leitor para uma leitura de poder e erotismo corporal. A estrofe inicia com três adjetivos: nervosas, quentes e largas. Esses termos dão materialidade, sensações e dimensão às mãos, elas são descritas com força e impulso. Ao “arpejar” sentidos, funde-se sensações, submetendo a experiência erótica a uma lógica estética, o prazer vira música perfeita, percebemos que o eu lírico não se envergonha do efeito do toque, ela o transforma em “música ideal”, reivindicando o direito à experiência erótica como algo belo, não como falta moral e de pudor, na noção de “influxo ardente”, o impulso que atravessa o corpo e o faz vibrar, o jogo de imagem (piano, corpo) transforma a relação sexual em obra musical.

Violeta mostra a mulher não apenas como abrigo de afeto, mas como sujeito que a sensibilidade reage, produz som e recuperação, o prazer dela é integrado a subjetividade, ela sente e não tem vergonha disso.

Tuas mãos imperiosas, tuas mãos rebeldes,
Cantam silenciosas aleluias de gestos.
Quando compõem poemas de volúpia,
Gritos incontidos de alegria pagã,
Correndo ligeiras,
Leves,
Torturantes,
No teclado branco de meu corpo... (Branca, 1998, p.86).

Essa estrofe é mais longa, ela vai sintetizar todas as tensões anteriores, poder e entrega, prazer. Liberdade, corpo e poesia, é a estrofe que o erotismo é mais explícito. “Imperiosas” vai significar mãos que comandam, que tem iniciativa que atuam com firmeza. Vai haver uma dominação, mas aqui essa dominação vai ser desejada, não imposta. O tom é de rendição prazerosa e não de violência. O eu lírico vai descrever a ação, molda o sentido e assume a narrativa do próprio prazer, o que já desafia o patriarcado que historicamente silenciou a voz feminina sobre o erotismo. O verso “cantam silenciosas aleluias de gestos”, transforma o ato sexual em um ritual sagrado, elevando o erotismo a uma espécie de liturgia corporal. O prazer não é pecado, mas celebração, ela sacraliza a experiência erótica feminina.

O erotismo, longe de ser insinuado como pecado ou transgressão, é apresentado como força criadora, as mãos arpejam, compõem poemas, arrancam angústias e reorganizam os nervos em harmonia. Ao narrar seu prazer, o eu lírico rompe o silenciamento histórico imposto às mulheres quanto a sexualidade, retirando-as da posição de musas passivas e as colocando como sujeitos ativos das próprias sensações. Assim, a poeta subverte estereótipos que associam a feminilidade à fragilidade, à pureza e ao recato, mostrando uma mulher que sente com intensidade, que deseja e que interpreta o próprio desejo como arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita de Violeta Branca, especialmente na obra *Ritmos de Inquieta Alegria* (1935), figura-se como uma das manifestações percussoras de resistência feminina na literatura amazonense. Sua poesia dentro da trajetória histórica da escrita produzida por mulheres no Brasil, permitiu observar que sua voz não surgiu isolada, mas como parte de um movimento mais amplo de insubordinação literária, simbólica e social diante das estruturas patriarcais que restringiram, durante séculos, o acesso das mulheres ao conhecimento, à produção artística e aos espaços legitimadores do discurso.

O resgate crítico de sua produção, revela que Violeta Branca se insere no conjunto de autoras que, mesmo antes da consolidação dos estudos de gênero e do feminismo acadêmico no Brasil, já confrontaram, por meio da literatura, os códigos que sustentam a ideologia

patriarcal. Sua obra não se mostra como um manifesto explícito, mas como poesia carregada de tensões internas, de imagens que denunciam o aprisionamento social da mulher e de metáforas que reescrevem mitos e tradições da cultura amazonense. A análise do poema “Minha Lenda”, demonstrou a habilidade da autora em reelaborar o mito da Iara, expondo como a figura feminina é moldada pelo olhar masculino e punida por ações e desejos não escolhidos, retomando o mecanismo de culpabilização feminina presente em narrativas fundadoras, como a de Gênesis. A adoção de uma estética modernista, marcada por versos livres e musicalidade interior, representou um gesto de transgressão formal em um período no Amazonas dominado por padrões parnasianos.

O estudo do poema “Poema das Tuas Mãos” revelou a quebra de estereótipos de gênero, pois a autora ousou abordar o desejo, o erotismo sutil e a sensualidade, posicionando o eu lírico feminino como sujeito ativo do prazer e transformando a experiência erótica em uma celebração, o que desafia o silenciamento histórico imposto às mulheres sobre a sexualidade.

Podemos notar mecanismo de opressão apontados por teóricas como Gerda Lerner (2019), que demonstra como o patriarcado foi se consolidando como sistema social destinado a controlar e disciplinar as mulheres, também Hélène Cixous (1975), que afirma que a escrita feminina, ao emergir, desestabiliza linguagem e estruturas masculinas e como Nelly Novaes Coelho (1991), explica que a literatura feita por mulheres no Brasil surge como resposta à emergência do diferente e da necessidade histórica de novas vozes.

Ainda que tenha iniciado sua trajetória literária aos 19 anos, Violeta Branca demonstrou maturidade estética singular ao compor versos livres, densos e carregados de musicalidade interior. Em um período que predominavam no Amazonas práticas poéticas ligadas ao parnasianismo e ao formalismo, a adoção de uma estética modernista por parte da autora representou outro gesto de transgressão. Sua poesia, marcada pela liberdade formal, por imagens naturais do Amazonas e por um erotismo sutil, deslocava as expectativas tradicionais sobre o que uma mulher deveria escrever. No contexto da década de 1930, Violeta ousou publicar poemas sobre desejo, inquietação e sensibilidade, temas que colocavam em xeque o ideal feminino de pureza, docilidade e contenção emocional.

Conclui-se que a poesia de Violeta Branca é, acima de tudo, uma arte de resistência ao silenciamento e ao apagamento histórico. Sua obra aponta para as contradições da vida feminina em um contexto de opressão e afirma que o ato de escrever, para as mulheres, é também um ato de existir e de reivindicar autonomia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Pólen, 2019. P.184.
- BRANCA, **Violeta**. **Ritmos de Inquieta Alegria**. 2. Ed. Manaus: Valer, 1998.
- CORDEIRO, Elcione Souza; COSTA, Verônica Prudente; WANKLER, Cátia Monteiro. **O lugar da poesia de Violeta Branca na produção literária amazonense do século XX**. Via Atlântica, São Paulo, n. 41 p. 319-344, jun.2022.
- CIXOUS, Hélène. **O riso da medusa**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. Língua e Literatura, v. 16, n. 19, p.91-101, 1991.
- DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e Literatura no Brasil**. Estudos Avançados. Vol17, n. 49, 2003.
- EARGLETON, Terry. **Teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2006
- LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado: História da Opressão das Mulheres pelos Homens**. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.
- MEDEIROS, Carla Valéria Santos. **A voz erótica feminina em ritmos de inquieta alegria, Violeta Branca**. Revista Jangada. nr. 14 jul/dez, 2019. ISSN 2317-4722.
- PAZ, Octávio. **O Arco e a Lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PAULA, Sidney Pereira de. **A poesia amazonense de Violeta Branca e seus anseios por mares nunca dantes navegados**. Revista Decifrar: Uma Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa da UFAM (ISSN – 2318-2229). Manaus. Vol.02, nº 03, p. 81-94, jan/jun 2014.